

José Luís Peixoto

# Dentro do Segredo

Uma viagem na Coreia do Norte



QUETZAL língua comum | José Luís Peixoto



EU ENTENDIA O ÓDIO COM QUE O GUARDA DA ALFÂNDEGA ME OLHAVA. Era um oficial de farda nova e completa, botas engraxadas, patentes brilhantes, talvez sessenta anos, talvez pai de alguém da minha idade. O compartimento tinha quatro lugares. A minha mala estava sobre a cama de cima, à esquerda. Eu estava à espera no corredor do comboio, entre toda a gente que também esperava. Quando chegou a minha vez, entrei. Ele estava de pé, a segurar o meu passaporte aberto à sua frente, como se me comparasse com a fotografia mas sem olhar para ela, apenas a fixar-me, severo, de ferro.

O seu olhar punha o meu corpo inteiro em tensão. Eu entendia essa tensão. Ali, significava ordem. Esse era também o motivo para o aparente ódio, ou desprezo, com que me olhava. Afinal, não era ódio, era disciplina.

Eu entendia a disciplina com que o guarda da alfândega me olhava.

Mas esse momento não podia durar para sempre. Houve um instante em que baixou o olhar sobre o passaporte. Sei que a minha fotografia lhe sorriu, mas não notei qualquer reacção no seu rosto. Naquela parte da Ásia, um sorriso pode exprimir algo muito diferente do que me fez sorrir quando andava a tratar do passaporte. Com frequência, um sorriso pode nascer do desconforto, do embaraço ou, até, do sofrimento. O guarda não estava sequer próximo de sorrir.

De repente, nas minhas costas, entrou outro guarda. Disse qualquer coisa séria. Este era mais baixo, tinha uma farda idêntica, também oficial, mas, notava-se pela maneira como falava e como ouvia, de um posto inferior. O compartimento era pequeno para estarmos os três de pé. Eles falavam através de mim. Nesse momento, eu estava muito habituado ao som do coreano, conhecia bem a sua música mas, mesmo assim, aquelas palavras esculpidas, cheias de arestas, causavam uma sensação desagradável ao atravessar-me. Eram palavras ríspidas, espécie de arame farpado.

Precisei então de olhar pela janela do comboio. Como se baixasse a cabeça sob a conversa dos dois guardas, olhei para a estação deserta de Sinuiju, onde estávamos parados havia mais de uma hora. Eram quase quatro e meia de uma tarde cinzenta, céu coberto por cinzento opaco. Não chovia.

Às dez e dez em ponto, o comboio tinha partido da estação de Pyongyang. Antes dessa hora, desse minuto, os altifalantes, lá no alto, foram despejando um fundo de marchas militares sobre a multidão. Essas marchas eram como um gás que se respirava, diluía-se no ar, misturava-se com as vozes avulsas das pessoas que enchiam a estação. O comboio parado brilhava como um acontecimento sole-  
ne, pintado de fresco, com carruagens verdes e outras azuis e brancas. Em todas elas, o brasão de armas da Coreia do Norte, de cores vivas e polidas: no horizonte do brasão, o monte Paektu, com uma enorme estrela vermelha no céu; por baixo, uma central hidroeléctrica, com uma barragem e um poste de alta tensão; de lado, folhas de arroz e, por baixo, uma fita vermelha, com caracteres do alfabeto *han-gul* a dizerem: «República Democrática Popular da Coreia». Na chapa das carruagens, o brasão parecia de metal grosso, talvez chumbo. Às vezes, o comboio apitava como se estivesse a experimentar a buzina.

Ao longo da estação, as pessoas reparavam apenas naquilo que as rodeava directamente. Usavam as suas melhores roupas, limpas e passadas com perfeição absoluta. Em grupos de quatro, cinco, seis, conversavam. Não eram indivíduos comuns, daqueles que a essa hora caminhavam pelos passeios ou avançavam de bicicleta pelas estradas de Pyongyang, estes iam viajar para a China ou vinham despedir-se de pessoas que iam viajar para a China. Faziam parte de muito poucos. Eram alguém que tinha autorização para sair do país ou conheciam alguém próximo nessa situação.

Quem estivesse fora destas condições não teria sequer podido entrar na estação, teria ficado retido no primeiro controlo de documentos.

Já dentro do comboio, depois de saber qual era o meu compartimento, sentei-me à janela e afastei a cortina. Havia uma pequena mesa com uma toalha de pano, boa para pousar o cotovelo. Foi o que fiz. Entre as pessoas lá fora, reparei num menino de dez ou onze anos a chorar. Camisa branca, lenço vermelho à volta do colarinho, calças acima da cintura, orelhas grandes, a chorar. Os adultos que estavam à sua volta consolavam-no. Sobretudo um homem, que talvez fosse seu pai, e que lhe pousava as mãos sobre os ombros, ou lhe fazia festas no cabelo, ou lhe limpava o rosto com um lenço. E o menino continuava a chorar, olhando para o comboio. Senti esta imagem. Há demasiado tempo que não falava com os meus filhos. Custava-me imaginar que eles pudessem estar a chorar assim.

Esse era um dos motivos que me fazia ter vontade que o comboio partisse. Logo depois da fronteira, ser-me-ia devolvido o telemóvel. Naquela manhã, já quase tinha esquecido a possibilidade permanente de contacto que o telemóvel faz sentir: a segurança de uma linha invisível entre nós e aqueles de que precisamos. Não se pode entrar com telemóveis na Coreia do Norte. Todos os estrangeiros, sem excepção, têm de entregar o telemóvel às autoridades, que o guardam até à saída. Mesmo que, como no meu caso, se entre numa fronteira e se deixe o país por outra a centenas de quilómetros. Quando um estrangeiro chega à Coreia do Norte, a data e as condições da saída estão completamente

previstas. Não há espaço para improvisos ou mudanças de planos. Por isso, o telemóvel e outros pertences proibidos no país serão entregues nas datas e nas localizações estipuladas à partida. Nos primeiros dias, havia o pânico repentino de o ter perdido, era agudo, vinha do nada. Depois, como se acordasse a meio de um pesadelo, lembrava-me do pequeno saco de plástico onde o deixei e onde escrevi o meu nome. Havia ocasiões também em que me parecia senti-lo a vibrar, ia com as mãos aos bolsos, procurava-o em vão durante alguns segundos até voltar a lembrar-me da chegada e do saquinho de plástico. Durante alguns dias, o fantasma do telemóvel foi como uma perna amputada onde ainda se sente comichão.

À hora marcada, o comboio partiu. Mesmo depois de ganhar balanço, seguia tão lentamente que, muitas vezes, parecia mesmo que ia parar. Passava por cenas não muito diferentes daquelas que tinha visto nas semanas anteriores. As pessoas que estavam a cavar os campos endireitavam o tronco e ficavam a contemplar o comboio grande, a sua importância. As crianças corriam, tentando acompanhar a velocidade da máquina, desfiando um novelo estridente de entusiasmo. O comboio apitava quase sem parar, como se quisesse dizer alguma coisa importante mas a garganta não funcionasse e só fosse capaz daquele vagido rouco.

Os americanos que viajaram connosco não puderam ir de comboio, foram obrigados a ir de avião. Não entendi o motivo. Não passámos por nada que, naquele momento, nos fosse desconhecido e que fizesse sentido esconder do olhar dos americanos ou, se houve, não vi. Mas os três

americanos que viajaram connosco tiveram de apanhar um avião directo para Pequim.

Já todos sabíamos que não podíamos tirar fotografias durante a viagem. Não era preciso perguntar, tinha sido sempre assim. Quando nos deslocávamos, nunca se podia fotografar. Era fácil ouvir na cabeça a voz da guia a repetir-nos dezenas de vezes por dia, com sotaque coreano:

*No pictures, please.*

Mas o comboio deslizava com tanto vagar, era uma despedida tão lenta e tão longa. Eu ia sentado na cama, a fazer o caminho de costas e, por isso, quando alguma coisa aparecia na janela, só a podia ver a afastar-se, irremediável e irreversível, a afastar-se. Seria precisa uma insensibilidade completa à nostalgia para ser capaz de lhe resistir naquelas condições. Tirei algumas fotografias.

Porque estariam dois chineses a bater num peixe seco com uma garrafa vazia de cerveja? Ao atravessar o corredor de várias carruagens, cruzei-me com chineses a palitarem os dentes, a jogarem às cartas, a dormirem ou a cortarem as unhas. Na maioria dos compartimentos, havia caixas de plástico abertas com todo o tipo de comidas. Os chineses estavam quase sempre descalços. Tinham quase sempre a planta dos pés a descamar.

Até à carruagem-restaurante, só passei por estrangeiros: alguns ocidentais que iam na mesma viagem que eu, e que conhecia, e muitos chineses, homens de negócios, em trabalho, habituados àquela viagem. Para ver uma carruagem com coreanos, precisei de atravessar várias, depois a carruagem-restaurante e, por fim, espreitar por uma pequena



janela baça: com pouca iluminação, entre paredes castanhas, atravessada por filas de bancos compridos, ocupados por dezenas de pessoas carregadas de bagagem; e a fotografia de Kim Il-sung ao lado da fotografia de Kim Jong-il, muito sérios, lá ao fundo, no topo.

Fitas garridas de flores de plástico, com folhas de plástico, atravessavam uma das paredes da carruagem-restaurante. Ou porque tinham calor, ou porque não se queriam sujar, ou porque os fazia sentir mais descontraídos, os militares tinham os botões do uniforme abertos e, enquanto comiam, ficavam apenas com o branco da camisola interior a tapar-lhes o peito. Depois de comerem, podiam adormecer no lugar onde estavam sentados. Esse era o caso de um que dormia com a cabeça e os braços largados sobre uma mesa, muito bêbado, a cheirar a bêbado, com o cotovelo dentro de um pratinho com pepinos às rodelas. Às vezes, resmungava sozinho e continuava a dormir. Os homens das outras mesas olhavam para ele e riam-se. Se o tentavam acordar, ele dizia umas palavras enroladas, riam-se de novo e deixavam-no estar. Só insistiram mesmo em acordá-lo quando chegaram três estrangeiros que viajavam no meu grupo e que não tinham onde se sentar. Ele ia para resmungar, mas explicaram-lhe baixinho, ao ouvido, e ele levantou-se imediatamente e, sem protestos, saiu a cambalear.

Os estrangeiros podiam comer por cinco euros uma refeição morna que era trazida em muitos pratinhos: pratinho de frango desfiado, pratinho de *kimchi*, pratinho de vegetais cozidos, tigela de arroz branco, etc. A bebida era

paga à parte e nunca havia troco que chegasse. As contas eram acertadas com garrafas de água ou com pastilhas, cortadas à tesoura de lâminas de chiclete. Eram pastilhas velhas, moles, que se desfaziam.

A carruagem-restaurante tinha grandes janelas, com cortinas feias, mas estimadas, arranjadinhas. Então, podia estar a acertar com uma porção de arroz na boca quando via uma passagem de nível, devagar, na janela. Invariavelmente, o guarda estava em sentido, como uma estátua a suportar a passagem do comboio, com o olhar imóvel num ponto e uma bandeirinha amarela enrolada, esticada à sua frente. As estações, onde o comboio parava ou não, tinham sempre uma enorme fotografia de Kim Il-sung no ponto mais alto. Essas fotografias ficavam no lugar onde me parecia que, normalmente, deveria estar o relógio da estação. Assim, era como se Kim Il-sung medisse o tempo.

Na estação de Sinuiju, o tempo parecia suspenso. Regressou à sua velocidade quando o segundo guarda saiu. E voltei com o olhar ao interior do compartimento. E voltou o silêncio, marcado ainda pela memória do som repetido do comboio a avançar pelos carris, o ritmo. O guarda continuou a ver o passaporte e, com um sotaque que mantinha apenas os traços essenciais da palavra, disse:

Portugal.

Não fui capaz de entender o significado do tom que escolheu. Talvez estivesse a querer dizer que eu estava muito longe de casa, talvez estivesse a querer dizer que já tinha ouvido falar no nome do país, talvez estivesse apenas a querer pronunciá-lo.

Cedo, na madrugada desse dia, em Pyongyang, fiz a mala a pensar que, de certeza, iria ser examinada ao detalhe. Na véspera, tinham-me assustado com a descrição do rigor com que as bagagens eram revistadas à saída do país. Além disso, eu sabia que se um fiscal quer encontrar algo com que implicar, não precisa de procurar muito e encontra sempre. É assim em qualquer parte do mundo. Quem fiscaliza tem demasiado poder nos olhos. Se disser que viu, ninguém pode contradizê-lo.

Esse receio, ali, era multiplicado por um número desconhecido. Eu estava na Coreia do Norte.

Depois, o guarda olhou para mim e, em inglês, disse:

*Camera.*

A minha pele cobriu-se de uma camada fina de electricidade durante o tempo necessário para levar a mão ao bolso do casaco e lhe estender a máquina fotográfica.

Eu sempre soube que havia a possibilidade de quererem ver a máquina. Tinha sido avisado mil vezes, mas, ao longo do tempo, tinha acabado por fotografar muito mais do que era permitido. Era fácil e tentador fazê-lo: a minha máquina era pequena e silenciosa.

Tive o cuidado de deixá-la de modo a que, quando fosse ligada, começasse a ver-se uma sequência de fotografias legítimas, consentidas e encorajadas pelos guias, tiradas na véspera, junto de um monumento em Pyongyang. Mas eu sabia que, se continuasse a ver, o guarda acabaria por encontrar muitas que não tinham sido autorizadas, tiradas às escondidas, ao mesmo tempo que a guia dizia:

*No pictures, please.*

Aquilo que eu não sabia era quais poderiam ser as consequências se o guarda apanhasse essas fotografias. E não saber era muito pior do que saber porque, assim, acabava por imaginar. E eu estava na Coreia do Norte.

A respiração. No silêncio, na presença íntima que partilhávamos naquele compartimento apertado, tive medo que o meu coração se ouvisse a bater. Dentro de mim, esse era o único som que se ouvia.

O guarda segurou a máquina com as duas mãos, ligou-a com a ponta do dedo. Notava-se que estava habituado a mexer em aparelhos como aquele. E começou a passar as fotografias uma a uma, sem pressa.

O seu rosto reflectia as cores luminosas do ecrã.